

BETO BRASIL EM ADIVINHE O QUE É... FOLCLORE

SANDRA AYMONE



VENDA PROIBIDA

Autora
Sandra Aymone

Coordenação Editorial
Sílnia N. Martins Prado
Juliana Furlanetti

Ilustração
Pierre Trabbold

Revisão de Texto
Katia Rossini

Diagramação
Línea Creativa

Realização
Fundação Educar DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
F: (19) 3728-8129

Esta obra foi impressa na Santa Edwiges Artes Gráficas, em papel cartão (capa) e papel couché (miolo).
Esta é a 5ª edição, 5ª reimpressão, datada de 2015,
com tiragem de 3.000 exemplares.

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 e é o investimento social privado da Companhia DPaschoal. Acreditamos na educação para a cidadania como estratégia de transformação social gerando valor compartilhado nas comunidades.

Para que a cidadania plena seja exercida é preciso garantir que as pessoas se reconheçam como protagonistas de suas vidas e de suas comunidades e desenvolvam a capacidade de interpretar o mundo através da leitura. Por isso, elegemos dois programas que oferecemos à sociedade: o Educar para Ler e o Educar para o Protagonismo. Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos, acesse nosso site.

BETO BRASIL EM
ADIVINHE O QUE É...
FOLCLORE
SANDRA AYMONE



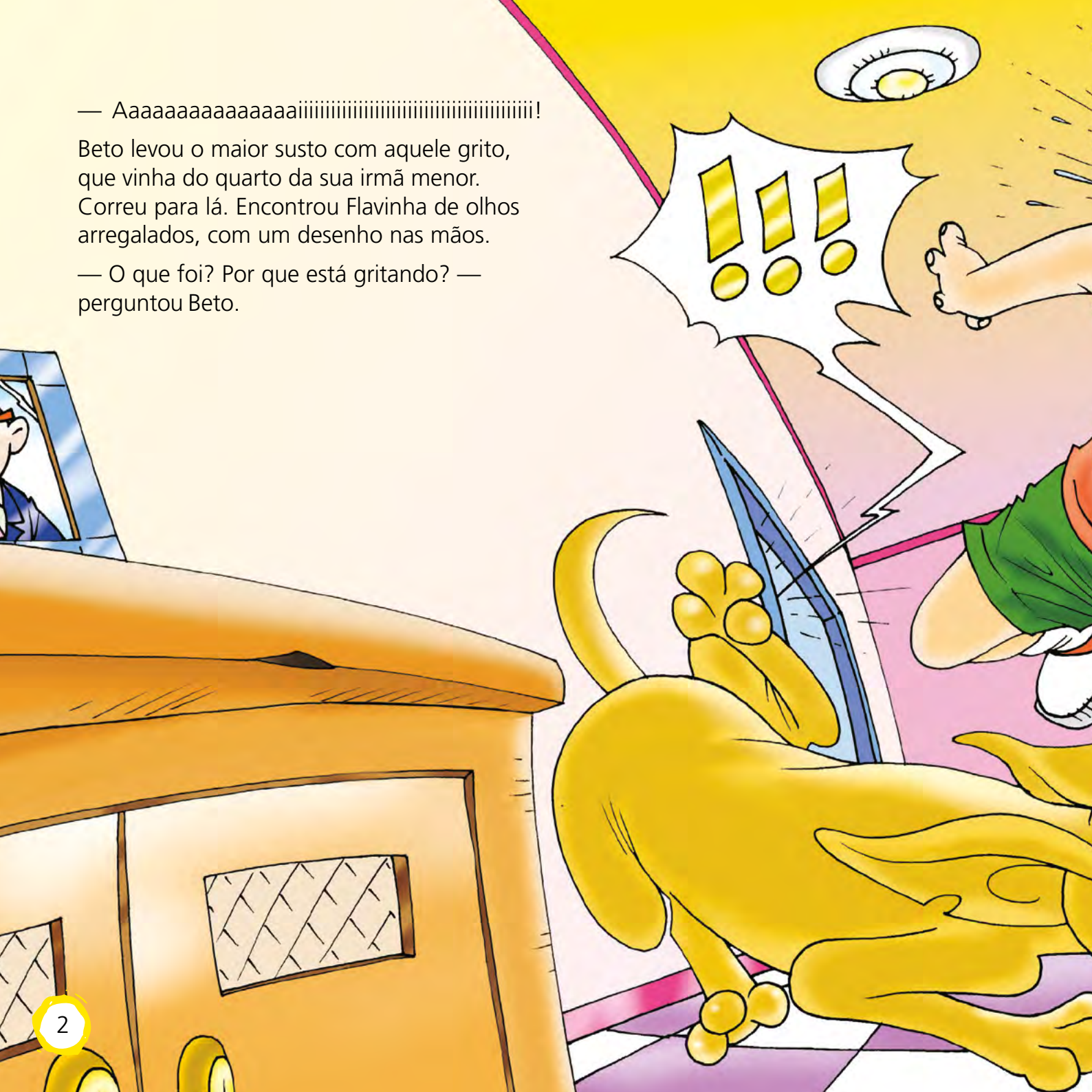
Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

— Aaaa!

Beto levou o maior susto com aquele grito, que vinha do quarto da sua irmã menor. Correu para lá. Encontrou Flavinha de olhos arregalados, com um desenho nas mãos.

— O que foi? Por que está gritando? — perguntou Beto.





Ela choramingou:

— Tive medo desse bicho. Ele é muito feio!

Beto foi olhar e viu que era uma figura de um calendário, no qual havia vários personagens criados pela imaginação do povo. A menina havia se assustado com o Bicho Manjaléu.



— Isso é só um desenho, Flavinha, esse bicho não existe — garantiu Beto. — Ele faz parte do nosso folclore...

— Folque o quê? — estranhou Flavinha.

— Fol-clo-re. Folclore quer dizer um montão de coisas que o povo inventa ou acredita, e vai passando de pai para filho. Podem ser histórias, brincadeiras, danças, festas, comidas...

Flavinha animou-se:

— Tirando esses monstros feiosos, parece que é divertido...



— É divertido sim — concordou Beto, rindo —, mas acho que os monstros eram criados pela imaginação das pessoas por causa do medo do escuro!... Já pensou antigamente, quando não tinha luz elétrica? As pessoas viam até o que não existia!

— É mesmo — lembrou Flavinha. — Outro dia, tinha uma camiseta branca pendurada na cadeira e, no escuro, pensei que fosse um fantasma!

Beto confessou:

— Isso já me aconteceu também... Tem hora que a gente pensa cada bobagem!

— Esse Bicho Manjaléu aí — continuou Beto — foi inventado para assustar crianças levadas... é tipo um bicho-papão ou uma cuca.



— Sabe como eu sei isso? —
perguntou o garoto. — É que o
Diego apareceu, outro dia, com
um livro sobre folclore.

Diego era um menino que morava
no Lar das Crianças, instituição
que cuidava de crianças carentes
e aonde Beto ia, quase todo dia,
depois da escola, para brincar e
ensinar coisas às crianças que lá
viviam.

— Você podia ir hoje comigo ao
Lar — lembrou Beto. A gente
está descobrindo um monte de
coisas e contando uns aos outros.
Todo dia tem novidade!

Flavinha ficou muito animada:

— Eba! Você espera eu pedir a
mamãe? — e saiu correndo.

Quando Beto e Flavinha chegaram, as crianças do Lar já estavam sentadas, em círculo, no pátio. Quem tinha aprendido coisas novas, iria contar. Renata quis ser a primeira. Foi para o meio da roda e disse:

— Tia Nieta, do refeitório, me ensinou uns versos que aprendeu com sua avó. São assim:

Hoje é Domingo	Que dá na mata
Pé de cachimbo	A mata é valente
Galo Monteiro	Que dá no tenente
Pisou na areia	O tenente é mofino
A areia é fina	Que dá no menino
Que dá no sino	O menino é valente
O sino é d'ouro	Que dá em toda a gente!
Que dá no besouro	
O besouro é de prata	



Em seguida, Pingo quis falar:

— Lembrei uma brincadeira que a Dona Ângela costureira me ensinou, é a do Gato e Rato! Levantem, que eu ensino!

As crianças ficaram de pé e deram-se as mãos. Pingo falou que Aninha ia ser o Gato e Beto, o Rato.

Aninha ficou do lado de fora da roda e Beto do lado de dentro. Pingo ensinou o que cada um deveria fazer.

Aninha então perguntou:

— O senhor Rato está em casa?

Todas as crianças responderam:

— Não!

Aninha insistiu:

— A que horas ele chega?





— Ao meio-dia! — disseram todos.

A roda começou a girar enquanto as crianças, em coro, cantavam as horas: “uma hora, duas horas, três horas...” até chegar ao meio-dia. Naquele momento, todas soltaram-se as mãos e o Gato-Aninha entrou na roda para caçar o Rato-Beto, que tratou de correr, saindo e entrando na roda, para escapar. Foi uma correria! Aninha, que tinha as pernas mais compridas, acabou pegando o Beto. A garotada riu bastante e brincou muitas vezes, até todos terem sido Gato ou Rato pelo menos uma vez.



À noite, Flavinha teve um sonho sem pé nem cabeça. Quer dizer, mais sem cabeça que sem pé. Ela estava caminhando numa floresta e, de repente, apareceu, galopando, a Mula Sem Cabeça! Essa mula é um daqueles monstros inventados que fazem as crianças tremerem de medo. Dizem que ela corre pelos campos, soltando fogo pelo nariz. O engraçado é que Flavinha não sentiu medo algum e perguntou-lhe:

— Mula, como é que alguém que não tem cabeça pode soltar fogo pelo nariz?

Ela respondeu:

— Isso é um mistério pra mim também! Mas foi assim que me inventaram!

E o bicho saiu dançando, muito desajeitado, e cantando uns versinhos:





Meio-dia
Panela no fogo
Barriga vazia
Macaco torrado

Que vem da Bahia
Panela de doce
Pra Dona Maria!



No dia seguinte, Beto contou que em todas as regiões do Brasil existem festas tradicionais, muito antigas, que acontecem nas ruas, sempre na mesma época do ano. Uma delas é o bumba meu boi. Essa festa é um tipo de teatro. As pessoas dançam e cantam fantasiadas, contando a história do Boi.

— E que história é essa? — quiseram saber as crianças.

Beto contou:

— É assim: tem um fazendeiro muito rico que é dono de um boi todo bonitão, que sabe até dançar...

— Parece a mula do meu sonho, só que ela era feia... — disse Flavinha.

Ninguém entendeu, e Beto continuou:

— Catirina, a mulher de Pai Chico, que é trabalhador da fazenda, está esperando nenê e sente desejo de comer a língua do boi...

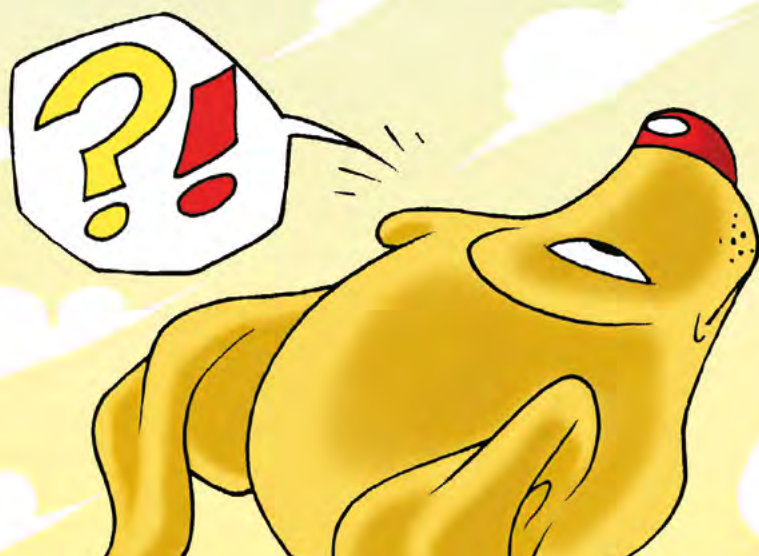
— Eca! — interrompeu Pingo.

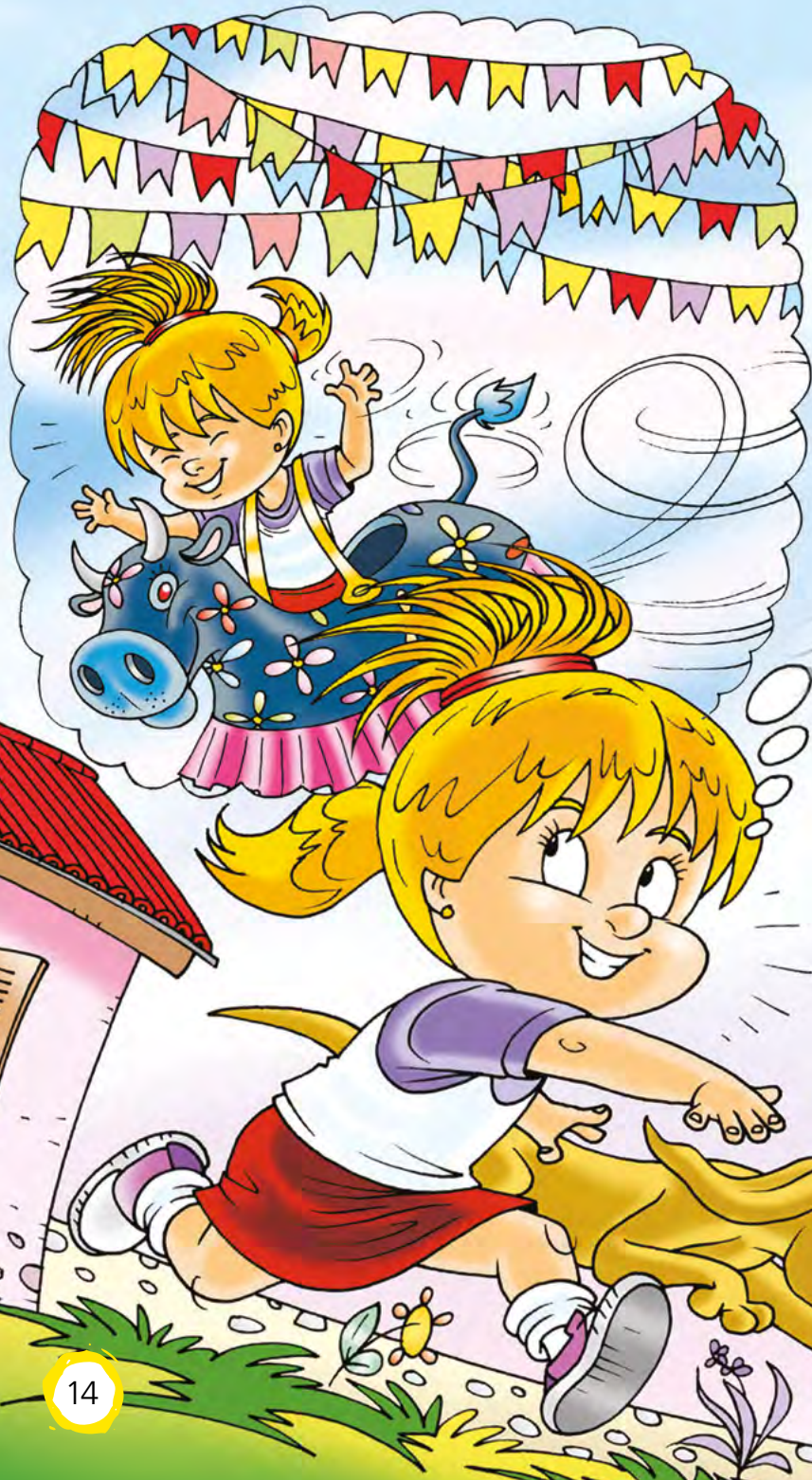
— Deixa de ser bobo, Pingo — disse Renata. —
Língua de boi se come!

— Então — continuou Beto — Pai Chico rouba o
boi. Aí, o fazendeiro manda os vaqueiros e os
índios saírem para procurar e, quando o
encontram, ele está doente.

O Pajé é chamado, porque é meio
feiticeiro, meio curandeiro e, depois
de muitas tentativas, o boi fica curado.
Quando o fazendeiro fica sabendo
o motivo do roubo, perdoa Pai Chico
e Catirina, e a representação termina
com muita alegria!

— Mas é um boi de verdade? —
quis saber Diego.





— Não — respondeu Beto —, o boi dessas apresentações é feito de uma armação de madeira, coberta por um pano bordado ou pintado. Nessa armação, é presa uma saia, para esconder a pessoa que fica dentro. Os personagens usam roupas muito coloridas.

— Deve ser uma beleza! — Renata exclamou.

Todos disseram que devia ser, mesmo.

— Por falar em festa, eu adoro as Festas Juninas! — exclamou Aninha.

— A quadrilha, o casamento na roça, a fogueira, as brincadeiras...

— Os doces! — lembrou Pingo. — Paçoca, canjica, pé de moleque... E também os balões!

— Balão pode ser bonito, mas também causar acidentes muito tristes, incendiando casas e florestas — lembrou Renata.



Todos concordaram que é melhor não soltar balões.

O livro do Diego contava que as Festas Juninas homenageiam os três santos comemorados em junho: Santo Antônio, São João e São Pedro, e explicava a origem da fogueira.

“Numa noite bonita, de céu estrelado, São João nasceu. Sua mãe, que era Santa Isabel, mandou erguer um mastro na porta da casa e acendeu uma fogueira, que iluminava o mastro. Era o aviso combinado, entre ela e a Virgem Maria, para o dia em que o menino nascesse.”



Na tarde seguinte, quando Beto e Flavinha chegaram ao Lar das Crianças, parecia que todo mundo estava engasgado com alguma coisa...

— Que é isso? — estranhou Beto. — É alguma epidemia?

Pingo parou de tentar dizer depressa: “Um prato de trigo para três tigres tristes” e respondeu:

— É a epidemia dos trava-línguas!

Beto entendeu. Ele já tinha aprendido que trava-línguas são aquelas frases inventadas de tal jeito que, se a gente falar depressa, acaba falando tudo errado! Flavinha tratou de tentar aprender alguns:





A pipa pinga, o pinto pia; o pinto pia, a pipa pinga.

No jarro tem uma aranha e uma rã.
A rã arranha a aranha,
A aranha arranha a rã.

lara amarra a arara rara; a rara arara de Araraquara.

Olha o sapo dentro do saco,
o saco com o sapo dentro,
o sapo batendo papo
e o papo soltando vento.

A espingarda destravíncula-pinculá
Quem destravincular ela
Bom destravíncula-pinculador será.

Porco crespo, toco preto; toco preto, porco crespo.

Um tigre, dois tigres, três tigres.



A falação parou quando a criançada sentiu o cheirinho que vinha da cozinha. Tia Nieta, que era mineira, com certeza tinha preparado uma de suas delícias! Logo, ela apareceu com uma bandeja cheirosa e anunciou:

— Olha o pão de queijo quentinho!

As crianças avançaram. Até a diretora do Lar das Crianças, Tia Valéria, apareceu para pegar um e disse:

— Vocês sabiam que comida também é folclore? Algumas receitas são típicas de uma determinada região do Brasil, como o vatapá, na Bahia, o feijão-tropeiro, em Minas Gerais e o churrasco, no Rio Grande do Sul.



Tia Nieta lembrou:

— Essas receitas são passadas de mãe para filha durante anos. Às vezes, não estão em livro algum, são transmitidas boca a boca...

— Uma amiga da minha mãe contava que a feijoada surgiu no tempo dos escravos, nas senzalas — disse Tia Valéria. — Os senhores ficavam com a parte melhor do porco e deixavam a orelha, o pé e o rabo para os escravos, que acabaram inventando esse prato tão gostoso!

Renata, que adorava feijoada, ficou com água na boca.



Dois dias depois, quando Beto e Flavinha chegaram, escutaram Tia Nieta cantando uma cantiga de roda:

“Vamos maninha, vamos
À praia passear
Vamos ver a lancha nova
Que do céu caiu no mar...”

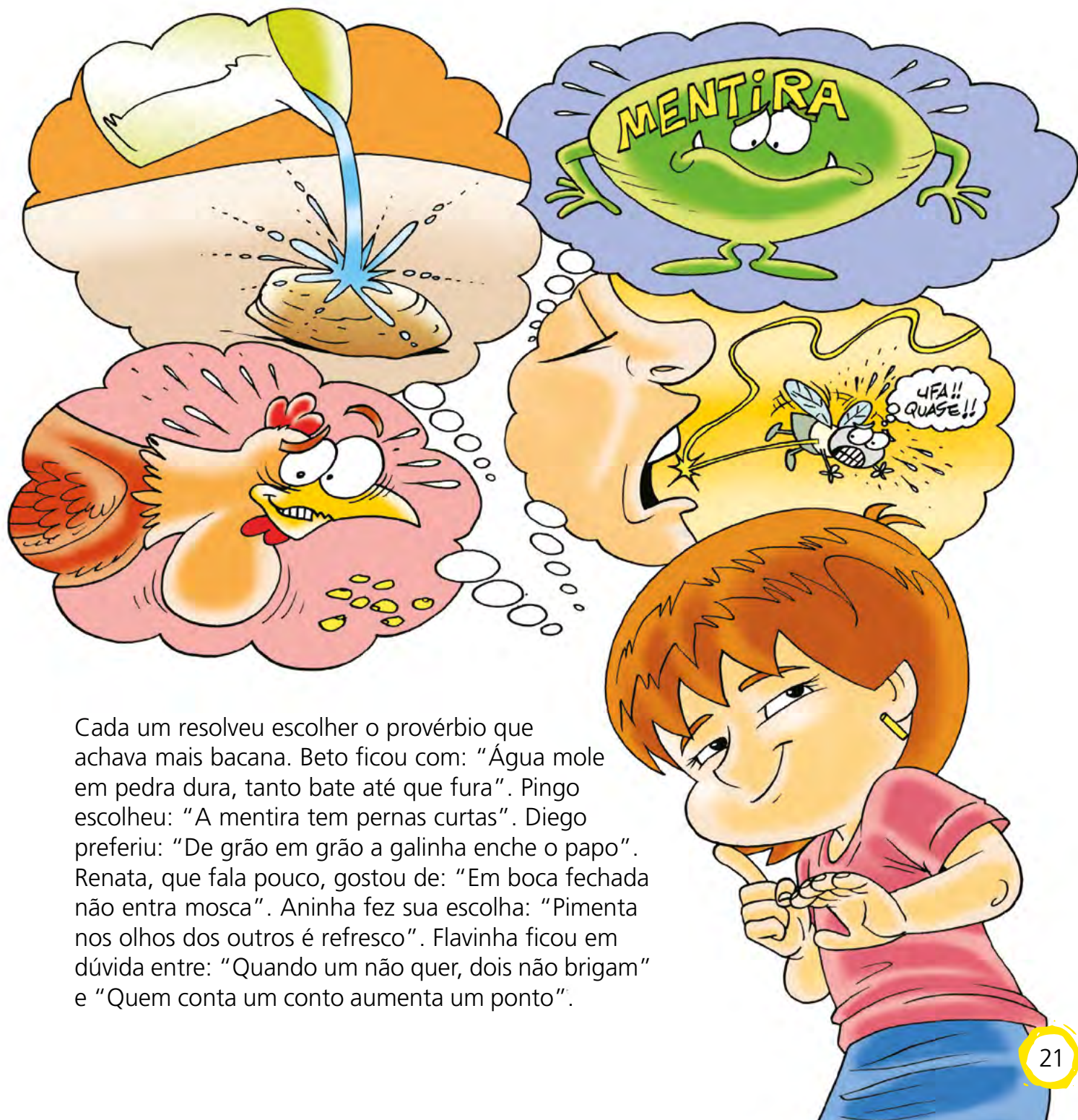
Beto brincou:

— Está contente, Tia Nieta?

— “Quem canta seus males espanta!” — respondeu a cozinheira.

Aninha, que ia passando, ouviu e correu para anotar a frase em seu caderno de provérbios. Ela adorava colecionar esses ditos populares. Depois, trouxe o caderno para mostrar aos amigos.





Cada um resolveu escolher o provérbio que achava mais bacana. Beto ficou com: "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Pingo escolheu: "A mentira tem pernas curtas". Diego preferiu: "De grão em grão a galinha enche o papo". Renata, que fala pouco, gostou de: "Em boca fechada não entra mosca". Aninha fez sua escolha: "Pimenta nos olhos dos outros é refresco". Flavinha ficou em dúvida entre: "Quando um não quer, dois não brigam" e "Quem conta um conto aumenta um ponto".





Depois do lanche, Tia Valéria reuniu as crianças para contar uma história.

— O folclore dos nossos índios tem histórias muito poéticas — disse ela. — Vou contar a vocês a lenda da vitória-régia, que explica como surgiu essa planta maravilhosa que existe nos rios da Amazônia.

“Naiá era uma índia jovem, filha do chefe da tribo. Ela acreditava que a Lua era um belo guerreiro chamado Jaci, e queria se casar com ele. O Pajé havia contado a Naiá que quando a Lua gostava de uma jovem, a transformava em estrela do céu. Desde então, nas noites de luar, enquanto os outros dormiam, Naiá subia nas colinas, tentando chegar perto da Lua, para que ela a visse e a transformasse em estrela.

Durante muitas noites a índia ficou acordada, chamando a Lua, mas nada conseguiu.

Numa dessas vezes, Naiá viu a Lua refletida nas águas de um rio. A pobre moça, imaginando que a Lua tinha vindo buscá-la, atirou-se nas águas profundas do rio e nunca mais foi vista.

A Lua quis recompensar o sacrifício da jovem e transformou-a, então, na vitória-régia, uma planta cujas flores perfumadas e brancas só se abrem à noite e, quando nasce o Sol, ficam rosadas”.

Aninha suspirou:

— Que história mais linda!





A cada dia que passava, a criançada queria saber mais coisas do folclore. Certa tarde, Beto propôs:

— Vamos brincar de adivinha?

Todos concordaram e cada um foi dizendo aquelas que conhecia. Diego foi o primeiro:

“O que é, o que é?

Nasci na água

Na água me criei

Se na água me botarem

Na água morrerei!”

As crianças acharam difícil. Beto pensou por alguns minutos e logo fez cara de sabido:

— É o sal! — gritou. — Fácil, fácil!

Era isso mesmo. Todos ficaram admirados com a esperteza do menino.

Estavam tão entretidos que nem perceberam a presença de um senhor usando chapéu de vaqueiro. Ele estava visitando o Lar e tinha parado para observar de longe a brincadeira.

Aninha, na sua vez, perguntou:

— O que é, o que é, que anda com os pés na cabeça?

— Essa é mais fácil ainda! — disse Beto. — Piolho! Os pés são dele e a cabeça é nossa...

— Nossa — exclamou Flavinha. — Só se for a sua...

Pingo falou a dele:

— O que é, o que é? Anda deitado e dorme em pé?



De novo, Beto não deu chance pra ninguém:

— Eu sei! É o pé! Ra-rá, quero ver quem ganha de mim!

— Ah, assim não tem graça! — reclamou Diego. — A gente não tem tempo nem de pensar! Prefiro brincar de outra coisa.

Beto era mesmo bom em adivinhações, mas viu que tinha exagerado, não dando chance aos outros. Pediu desculpas e concordou em se divertir com os brinquedos folclóricos que a Tia Nieta tinha trazido: pião, corda de pular, bolinhas de gude, peteca.

Nisso, Tia Valéria veio chamar o Beto:

— Você pode vir um minutinho a minha sala?



Tia Valéria pediu que Beto se sentasse, e falou:

— Beto, não sei se você viu um senhor que esteve aqui, agora há pouco...

— Não prestei muita atenção... — confessou Beto.

— Ele se chama *seu* Jorge. É um homem muito bom, mas tem algumas esquisitices. Ele veio aqui se oferecer para doar um terreno para o Lar...

Beto ficou contente:

— Que bom! Papai disse mesmo que vocês estavam precisando de mais espaço!...

— Pois é — continuou Tia Valéria. — Só que ele impôs uma condição. O homem é fanático por adivinhações e, depois que viu vocês brincando, disse que só doará o terreno se você conseguir responder três adivinhas...

Beto ficou meio tonto:

— Eu???



— Ele disse que hoje tinha visto um menino que adivinhava todas. Era você! Achei loucura, mas acabei concordando, porque vi que não ia ter outro jeito...

Beto aceitou o desafio, mas ficou bastante arrependido de ter sido tão “aparecido”. Agora, o Lar das Crianças dependia dele para conseguir o terreno!

No dia marcado, Beto estava lá. Todas as crianças do Lar e muitos adultos colaboradores tinham vindo assistir e torcer por ele.

Seu Jorge chegou, com seu chapéu, sentou-se, e falou a primeira adivinha:

— O que é, o que é? Enquanto come, vive, mas se bebe água, morre.

Que sorte! Essa Beto sabia! Ele respondeu depressa:



— O fogo!

Seu Jorge ficou desapontado e, sem esperar, apresentou logo a segunda:

— O que é, o que é? É muito bonita, mas não tem cor, é saborosa, mas não tem sabor.

Beto ficou nervoso. Todos ficaram em silêncio, esperando sua resposta. Ele fechou os olhos... pensou... e sorriu:

— A água!

Tinha acertado de novo!

Seu Jorge ficou mais desapontado ainda! Faltava uma. Ele perguntou, bem depressa:

— Qual é a parte do corpo humano que, tirando uma letra, fica vazia?



Beto ficou pálido. Não tinha a menor ideia da resposta! O silêncio das pessoas foi tão grande que se podia ouvir o zumbido de uma mosca.

Beto pensou: “E agora? Não vou conseguir! Por que fui inventar essa brincadeira de adivinhação?”

E, aborrecido, falou baixinho:

— Eu e minha grande BOCA!

Sem perceber, Beto tinha falado a última palavra — “boca” — mais alto, e todo o mundo ouviu.

Seu Jorge ficou em pé e jogou o chapéu no chão.





A resposta era “boca”, que sem o “b”, fica “oca”! Beto, sem querer, tinha acertado! Todos correram para abraçar o menino, que ficou tentando entender o que tinha acontecido...

De repente, ele disparou a correr atrás de *seu* Jorge. E todos foram atrás dele! *Seu* Jorge não entendeu toda aquela correria, e entendeu muito menos quando Beto, quase sem fôlego, parou na sua frente:

— *Seu* Jorge, eu não acertei de verdade! Falei sem querer!



As crianças e os adultos também pararam, e a alegria morreu quando ouviram o que Beto tinha dito. Mas *seu* Jorge sorriu e falou:

— Acertou sim, Beto. Se não foi antes, foi agora, vindo contar a verdade! Você é motivo de orgulho para o Lar das Crianças, e fico muito feliz de doar o terreno. Isso vale muito mais que essa bobagem de adivinhação!

Naquele momento, a gritaria foi geral. Todo mundo pulou, riu, se abraçou, dançou. Foi tanta alegria que adultos e crianças passaram a tarde brincando de pique, de pipa, de ovo choco, de roda, de amarelinha...





"Preservar a cultura é preservar a identidade de um povo."



Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.



Apoio



Realização

Ministério da
Cultura

